

MICRO CRÉDITO

Número 6
Julho 2000
Bimestral

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

Incidentes à vista

No final de Maio a Nova/Rede comunicou-nos que cinco beneficiários tinham prestações em atraso. Verificadas as situações com os animadores locais, os próprios e as sucursais onde os créditos estavam sediados, rapidamente se encontrou solução de pagamento para três casos. Dois outros apresentam dificuldades maiores para cumprirem as suas obrigações, visto não encontrarem formas de superar as inesperadas dificuldades que os seus negócios enfrentam.

Um deles acabará provavelmente por reverter a sua actividade, aceitando uma oferta de emprego. A outra está já a trabalhar em esquema informal, mas os rendimentos obtidos não lhe permitirão pagar as prestações em débito. Quer com um quer com outra o contacto da ANDC tem sido difícil. Tomámos assim a decisão de, a 15 de Julho e caso não intervenham dados novos, comunicar à Nova/Rede que proceda como é normal para os empréstimos não reembolsados e que recupere os montantes em dívida – cerca de 600 contos – junto do “fundo de garantia” da Associação

Estes primeiros incidentes foram ocasião para repensar os nossos critérios e métodos de trabalho, mas, para além dos ensinamentos recolhidos, o risco inerente às pequenas iniciativas económicas nunca se podem eliminar de forma total ou definitiva. ▼

Perfil DO BENEFICIÁRIO um ano depois



Sem quase nos darmos conta estamos a chegar ao fim de um ano de vida. É verdade que do ponto de vista formal a ANDC já tem 18 meses, mas no nosso caso as coisas aconteceram ao contrário do que é normal com as crianças: o registo fez-se antes do verdadeiro nascimento. Este aconteceu em finais de Julho de 1999, quando o primeiro crédito foi concedido.

O primeiro aniversário é talvez o momento exacto para que possamos fazer um pequeno balanço, sem no entanto perdermos a noção de que, apesar de tudo, é ainda um período relativamente curto para que dele se possam retirar conclusões definitivas. E o balanço principal da nossa actividade só pode fazer-se respondendo a esta questão: quem são os beneficiários do microcrédito?

Sem sermos demasiado peremptórios e atribuindo aos números apenas uma importância relativa, e sem perdermos de vista o facto de se tratar apenas de 53 empréstimos (actualmente já são 62), arriscamo-nos contudo a estabelecer o perfil dos actuais beneficiários.

Como seria de esperar, 63% dos beneficiários são mulheres. No seu conjunto, na altura em que decidiram recorrer ao microcrédito 30% estavam inscritos como desempregados, enquanto 29%, mesmo não tendo ocupação certa, tinham requerido anteriormente o estatuto de empresários em nome individual, 19% eram vendedores ambulantes e 10% trabalhadores independentes. O trabalho doméstico, situações incaracterísticas e o trabalho informal constituíam a auto-identificação dos restantes 12 por cento.

No que concerne à percentagem relativa aos empresários em nome individual, importa esclarecer que se trata de pessoas que faziam pequenos trabalhos (costura, marcenaria, criação de aves, explicações, etc.), sem acesso ao crédito bancário por falta de rendimentos ou outro tipo de garantias, mas que para rentabilizarem o seu pequeno negócio necessitavam adquirir alguma maquinaria ou outro tipo de material. Sobre a situação profissional importa ainda realçar o facto de a maioria dos desempregados pertencer ao sexo feminino.

No que diz respeito à distribuição por grupos etários, 32% incluem-se no grupo entre os 25 e 35 anos, logo seguido do grupo dos 35 aos 45 anos (22%). Por outro lado, 10% têm idades superiores a 55 anos e 14% idades inferiores a 25 anos. No que concerne às habilitações, 10% são analfabetos, 32% possuem o 1º ciclo do ensino básico (antiga 4ª classe), 17% frequentaram o 2º ciclo e apenas 12% foram até ao 3º ciclo (9º ano). De registar ainda que 19% frequentaram ou concluíram o ensino secundário e 10% possuem frequência universitária.

Ao olharmos a área de negócio escolhida pelo beneficiário, verifica-se que a maior percentagem (24%) diz respeito à prestação de pequenos serviços (sapateiro, electricista, canalizador, reparações domésticas, etc.), logo seguida da venda ambulante (23%), representando o pequeno comércio cerca de 13 por cento.

Em conclusão, e sem esquecer que a maioria são mulheres, os beneficiários do crédito concedido no âmbito da actividade da ANDC são essencialmente desempregados ou que executam pequenos trabalhos por conta própria (76%), com idades compreendidas entre os 25 e 45 anos (54%), e que a maioria possui habilitações inferiores ao actual 9º ano (61%), ou seja, não possui a escolaridade obrigatória. ▼

José Centeio

Um de PROCESSO de aprendizagem

A **ANDC** deslocou-se à Santa Casa da Misericórdia da Azinhaga do Ribatejo, no dia 3 de Maio, para orientar uma sessão de formação sobre microcrédito destinada a instituições locais.

AINDA EM MAIO participámos no colóquio sobre “Descentralização, projectos de desenvolvimento e poderes políticos” que decorreu no Instituto Superior de Engenharia do Porto integrado na Conferência Nacional da Plataforma de Esquerda. O objectivo dessa participação foi o de apresentar o microcrédito e a experiência da ANDC.

A **CONVITE** da CRESAÇOR, a ANDC apresentou na sessão plenária de abertura do workshop “Empresas de Inserção - Sinergias Decisivas, Realidades Actuantes” uma comunicação sobre “As Micro Empresas e o Micro-Crédito”. O workshop teve lugar em Ponta Delgada, nos dias 17 e 18 de Maio.

NO DIA 8 DE JUNHO realizámos em Bragança, na Associação Monteval, uma sessão de divulgação da ANDC. Participaram outras instituições da região que manifestaram muito interesse em colaborar com a ANDC, nomeadamente encaminhando candidaturas.

EM LISBOA tivemos uma reunião de divulgação da ANDC junto da equipa coordenadora do Movimento Justiça e Paz que representa as ordens religiosas masculinas e femininas instaladas em Portugal. A discussão, que teve lugar no dia 15 de Junho na Casa dos Religiosos do Verbo Divino, alargou-se ao problema dos financiamentos alternativos de actividades sociais e ao papel que as ordens religiosas poderiam ter nesse apoio.



A saída da exclusão social e económica não é um processo a ser vivido apenas pelas pessoas que recorrem ao apoio da ANDC. Cada candidato tem de aprender a reunir informação coerentemente, a ter um negócio, a gerir o seu empréstimo, a confiar em si mesmo, a deixar-se ajudar pelos outros. Por outro lado, cada técnico, seja da ANDC, seja da Instituição Local, seja Animador, se se entregar a fundo a cada situação que lhe passa pelas mãos, poderá também beneficiar de uma aprendizagem recompensadora. Só se o técnico mostrar abertura à aprendizagem com a experiência e conhecimento do beneficiário, é que este muda os seus padrões de pensamento e actuação, ou, por outras palavras, é que este aprende. Aprender também se aprende, tem é que se ter a humildade suficiente para nos mostrarmos disponíveis para

aprender. A última coisa que o técnico pode ser é prepotente. Não podemos tirar partido de uma situação de vantagem (pelo menos em quantidade de informação) para induzir o beneficiário a optar por situações que, do nosso ponto de vista, consideramos as melhores. A nossa obrigação é apenas a de facilitar o caminho que o próprio beneficiário escolhe. O modo de funcionamento da ANDC é de facto exigente. Talvez até seja audacioso. Para além de pretendermos ser rigorosos na nossa actuação, essa exigência justifica-se por querermos trabalhar com as melhores instituições. E as melhores são, em nosso entender, aquelas que estão dispostas a aprender, a procurar, a ver o beneficiário como um cidadão igual que merece o nosso melhor, com dignidade, e não a com a nossa conivência no que não funciona.

Não queremos confundir as pessoas com os seus projectos. Os projectos existem e são, aliás, um dos requisitos de acesso ao microcrédito, mas poderão ser muito mais do que isso. Poderão representar o início de um processo onde a pessoa se descobre a si mesma, onde se valoriza e do qual passará a receber rendimentos. Consideramos, por tudo o que dissemos, que o potencial de sucesso está sempre na pessoa e na relação que conseguirmos estabelecer com ela. Se a pessoa for séria na sua actuação, tiver “faro” para o negócio e estiver disposta a aprender com a sua própria experiência e a dos outros, então devemos estar disponíveis para a apoiar nas suas dificuldades e também para partilhar as suas alegrias e sucessos, até que complete o seu percurso. ▼

Ana Costa

JACQUES ATTALI

ex-presidente do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento, criou uma organização parabancária chamada PlaNet Finance que pretende funcionar como um banco virtual de apoio às organizações que no mundo inteiro se dedicam ao microcrédito. Um objectivo: juntar a Internet e o Microcrédito para apoiar organizações como a ANDC a obterem crédito junto das instituições financeiras. Para quem quiser saber mais pode consultar o site: www.planetfinance.org

A ANDC foi convidada para participar na Conferência organizada pelo Parlamento Europeu sobre "Third System Organisations and their Role in Developing Employment" que teve lugar em Bruxelas nos dias 29 e 30 de Junho. Além da ANDC, outras organizações como o IN- AISE, o IRED-Nord, a CREDAL, a Marienthal, o NWAB, a CG-SCOP, o Volkshilfe, a Surrey Springboard e a Vitamine W, apresentaram aos parlamentares europeus as suas realizações no terreno da luta contra o desemprego.

COM A ADIE

(francesa), a CREDAL (belga) e um outro parceiro italiano, a ANDC propôs à Comissão Europeia a criação de um Centro de Recursos europeu destinado a promover o microcrédito na UE, a informar e formar técnicos e instituições nas metodologias próprias deste instrumento de luta contra a exclusão, a pobreza e o desemprego. Dos desenvolvimentos desta proposta daremos notícia em próximos boletins. ▼

O PONTO DE VISTA DE UMA INSTITUIÇÃO LOCAL

“ganham os que avançam... e os que recuam”

O contacto com a ANDC permitiu encontrar resposta para algumas das pessoas que se dirigem ao “Cascais sobre Rodas”, mas, para nossa surpresa, também houve gente que reconsiderou o seu projecto perante a perspectiva de, com ele, ter de pagar um empréstimo. Mas esta clarificação ajudou uns e outros. O “Cascais Sobre Rodas” é um serviço da Câmara Municipal de Cascais de apoio a pessoas desempregadas. Algumas das pessoas que a ele se dirigem gostariam de criar o seu próprio emprego. Porque acreditam num determinado projecto ou porque julgam ser esta a única forma de ultrapassarem os obstáculos que sentem à sua inserção profissional.

Se numa primeira fase este serviço pode ajudar os interessados a concretizar melhor o projecto e a avaliar a sua viabilidade face às competências pessoais/profissionais do promotor e à realidade do meio sócio-económico, após esta fase, para os que continuam a querer avançar, o financiamento é o seu problema principal.

A maioria não tem acesso ao crédito bancário e os eventuais apoios do IIEFP correspondem, para muitos, a um processo demasiado moroso e complicado, face à sua urgência em deixar de serem desempregados e à sua dificuldade em lidar com processos burocráticos. A outros ainda, beneficiários do RMG, o atraso na elaboração dos planos de inserção impede-os de recorrer ao FAINA.

Os projectos de algumas destas pessoas chegavam assim a um impasse perante o qual não se encontrava a resposta adequada. A procura de outras alternativas de inserção profissional dificilmente tinham eco, pois a criação do próprio emprego era o seu objectivo.

A ANDC NÃO ELIMINA O RISCO

Com o aparecimento da ANDC abriu-se uma possibi-

lidade real de avançar com os projectos que implicavam pequenos investimentos (... pensávamos nós!). Até ao momento, três promotores decidiram candidatar-se, tendo já sido aprovado o financiamento para os seus projectos: venda de serviços e bolas de golfe, venda de bolos e doces caseiros e pintura de construção civil.

Para estes, não há dúvida que a possibilidade de aceder a um empréstimo sem grandes exigências burocráticas e o apoio prestado pelo animador da ANDC são as peças que faltavam para a concretização do seu projecto de vida e para a aquisição de uma autonomia financeira com perspectivas futuras.

Contudo surpreendeu-nos o recuo de quase todos os restantes potenciais candidatos. Constatou-se que, perante a oportunidade de criar o seu próprio emprego, a consciência do risco e da responsabilidade aumentou, especialmente por se tratar de um empréstimo que teria de devolver. Provavelmente, na base do seu sonho, assentava a ideia de um acesso fácil a “fundos perdidos” ou um processo de vitimização e desresponsabilização, relegando para a “sociedade” a responsabilidade pela sua situação e as causas da impossibilidade de conseguirem criar o seu negócio.

O confronto com esta situação - o depender deles próprios a concretização do seu projecto - permitiu a alguns melhorar a consciência de si próprios, alterar a sua postura e viabilizar um projecto de vida diferente e mais realista para o seu caso. Optaram por trabalhar por conta de outrem, certamente mais seguros e com menos frustrações.

Neste sentido, a ANDC tem sido para nós um recurso que ultrapassa a sua acção directa. O apoio que presta aos candidatos é a resposta à necessidade de alguns, mas a sua simples existência ajuda indirectamente na inserção profissional de outros. ▼

Rosário Daugbjerg



Da cozinha para a micro-empresa

Por vezes as coisas grandes não começam com grandes projectos. A Maria do Carmo tem um percurso rico e curioso: nascida em Lisboa, começou por fazer bacharelato de design de interiores, passou pelo sector bancário e, por razões pessoais, veio ter ao Porto, onde vive há cerca de 6 anos.

Uma vez chegada ao Porto não tinha emprego e nos primeiros tempos limitou-se ao serviço de casa: apenas o marido trabalhava. A situação económica começou, porém a degradar-se. O baixo salário do marido não dava para viverem, nem para obterem

crédito junto do banco. O recurso ao RMG veio dar uma pequena, mas insuficiente, ajuda. Perante a falta de rendimentos, a Maria do Carmo, que tem imenso jeito para a cozinha, resolve fazer alguns bolos e outros doces para um ou outro familiar e amigo: foi o princípio de um negócio. A notícia foi passando com a qualidade e inovação que cada produto apresentava. Hoje um amigo, amanhã o amigo do amigo, foi-se alargando o leque dos primeiros clientes.

Com o tempo veio a possibilidade de um curso de formação na Faculdade de Biotecnologia que

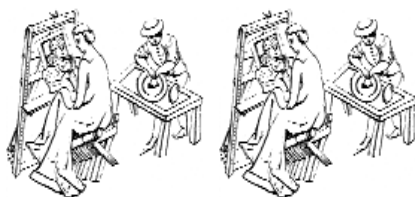
reuniu mulheres com pequenos negócios domésticos na área alimentar e recém-licenciadas da referida faculdade. Foi o momento para melhorar a qualidade, para pensar melhor a gestão e perspectivar voos maiores.

Chegou a altura de apostar forte no projecto com a aquisição de máquinas e matérias primas para alargar a produção. Como financiar esta ideia? A resposta foi-lhe sugerida pela Eng.^a Mariana Curado Malta que a acompanhou na formação e que a ajudou a organizar e formalizar uma candidatura à ANDC.

Hoje a Maria do Carmo tem uma

vasta carteira de clientes particulares e empresas (restaurantes, confeitarias e cafés), e além das sobremesas fornece almoços e jantares, que confecciona em sua casa e serve em casa do cliente. Criou um outro posto de trabalho e pensa, a médio prazo, abrir um espaço para onde possa transferir a produção actual, alargando-a ao serviço de pasteleria e refeições económicas de qualidade.

No processo ganhou uma experiente animadora, a Manuela Biltres. O microcrédito é para isto que serve: permitir o nascimento de pequenas empresárias. ▼



Jardim do Azulejo em Vila Franca de Xira

A **Lídia Agostinho** é uma jovem de 30 anos, solteira, muito alegre e dinâmica, cuja experiência académica e profissional inclui já diversos cursos profissionais, estágios e experiência na área da formação em pintura de azulejos. Candidatou-se a ser apoiada através do programa ILE, do qual ainda não obteve resposta, com o objectivo de abrir uma oficina/loja onde pudesse, não só desenhar, pintar e cozer os azulejos, como também expô-los e vendê-

-los. Para além disso, pretende vender também algumas esculturas em barro, arranjos florais e efectuar restauros. A sua força e determinação fizeram com que não desistisse do seu sonho e, há uns meses, surgiu uma oportunidade de arrendar um espaço perfeito para o que tinha em mente. Tinha o apoio do senhorio que, para além de lhe oferecer as primeiras rendas, lhe poderia vender um forno que tinha para cozer os azulejos (em óptimas condições),

por metade do preço de um novo. A Lídia tinha encomendas de pessoas que conheciam já o seu trabalho. O principal obstáculo era não ter o capital necessário aos primeiros investimentos, como o forno e as tintas. Quando ouviu falar da ANDC tratou de nos apresentar o seu projecto. Foi aprovado e, actualmente, a Lídia consegue dar resposta às múltiplas encomendas que aparecem, para além de ter transformado a sua oficina/loja num espaço agradável,

onde também ensina outras pessoas a pintar azulejos. Eis um bom exemplo de como os bons conhecimentos e apoios a nível local podem representar um impulso muito forte na concretização deste tipo de negócio. E para que a Lídia possa alargar as fronteiras das suas vendas, a ANDC proporcionou-lhe o apoio de uma animadora, Teresa Augusto, que a ajudará na consolidação da sua actividade, bem como na busca de novos contactos e clientes. ▼

MICRO
CRÉDITO

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

PROJECTO APOIADO PELO IIEP - INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Contactos:

Avenida Elias Garcia, 76, 1º E 1050-100 Lisboa

Telf.: 21. 794 14 97 — Fax 21. 794 14 97

e-mail: andc@mail.telepac.pt